

RESENHA

ACIOLI, Socorro. *A cabeça do santo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 176 págs.

Gilberto Dias Nunes*

Na obra *A cabeça do santo*, Socorro Acioli, nos conduz para uma viagem pelos caminhos da religiosidade popular do sertão nordestino. A devoção popular, ainda muito presente na região, cria e recria uma rica cultura que o sertanejo traz impressa em seu corpo. A devoção alimenta o imaginário popular e renova a esperança do povo sofrido. A autora, jornalista e doutora em estudos de literatura, com uma encantadora leveza e riqueza de detalhes, transcreve o cotidiano da vida de um povo simples, que carrega em sua bagagem, uma história marcada por sofrimentos e esperanças. Aluna de Gabriel García Márquez, Acioli dedica seu livro a seu mestre, que contribuiu em sua formação na oficina *Como Contar um Conto*, em San Antonio de Los Baños, Cuba.

Dividida em quatro partes, *A cabeça do santo* é um texto que envolve o leitor, numa bela e instigante história literária. Desde as primeiras páginas, em cada título, a autora insere o leitor na cena, entre os personagens, numa combinação de ficção e realidade. Uma leitura prazerosa, que motiva a ultrapassar os limites do texto, mergulhando na história real de um povo. Não conheço Juazeiro do Norte, Candeia ou outra cidade do Estado do Ceará. Nunca fui visitar a imagem do padre Cícero, mas graças a Acioli, mesmo em tempos de Pandemia, percorro com os devotos, os caminhos do povo sertanejo. Com passos lentos, mas cuidadosos, pouco a pouco, adentro no mundo religioso e cultural, que marca a história do povo nordestino. Tive a oportunidade de visitar algumas cidades da Bahia, como Vitória da Conquista, Livramento de Nossa Senhora, Ituaçu e Juazeiro da Bahia. Estive também em Petrolina, PE. Em todas essas cidades, a devoção a padre Cícero, Santo Antonio, São Francisco e outros santos, são facilmente encontradas entre homens e mulheres que contam, cantam e encantam com suas histórias de esperança, devoção e fé. Acioli narra a vida de um

* Gilberto Dias Nunes é bacharel em Filosofia, pela PUC-Campinas (1999), e em Teologia pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores – ITESP (2004). Mestre em Ciência da Religião (2020) e doutorando em Ciência da Religião (2021) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Bolsista da CAPES-PROSUC. E-mail para correspondência: pe.gilbertocss@gmail.com

povo, vida teimosa, sofrida, doída. Mas uma vida que vale a pena ser vivida. Uma estória contada pelo próprio Samuel, o personagem da vida real. Um itinerário que começa marcado pela dor e a promessa de realizar os pedidos que sua mãe fizera, antes de morrer. A morte e a vida, o passado e presente, sonhos e a realidade se cruzam no caminho.

Samuel caminha por dezesseis longos e dolorosos dias sob o sol. Vai realizar os últimos desejos de sua mãe. Vai conhecer sua história e refazer a história sofrida de um povo. Vai ouvir e contar histórias. Vai realizar sonhos e voltar a sonhar. Vai para descobrir que a vida é um mistério que se faz e refaz, entre alegrias e lágrimas, sonhos e esperanças.

No caminho, Samuel, sujo como um desenterrado, andava sempre em linha reta. Com fome, por vezes olhava para baixo e temia que o ventre colasse de vez nas costelas, como na história do homem caído, que a mãe Mariinha, contava. Mas das mãos da mãe ele tentava não lembrar. Era uma dor sem nome. No caminho, sapatos, as pernas da calça, mangas da camisa, o pouco dinheiro: tudo ficou pelo caminho.

No caminho, aprendeu que o corpo pede e pune na mesma medida. A mala que levava quando deixou a casa ficou pelo caminho: trocou por um prato de carne cozida e baião de dois. Restavam apenas os seus vinte e oito anos e o endereço de poucas palavras no bolso esquerdo. Chegar no destino era a única coisa que tinha na vida.

Tudo ficou pelo caminho: juventude, alegria, pedaços de pele, mililitros de suor, quilos do corpo, e os parcos e velhos fios de esperança de que houvesse alguma coisa invisível que ajudasse os homens sobre a Terra. As esperanças nunca foram suas, eram de Mariinha, ele as usava por empréstimo em casos raros. Naquele momento, Samuel não tinha fé nenhuma nas coisas do espírito. No caminho encontra oito pessoas feitas de fé: três homens, duas mulheres, três crianças que iam em romaria. Contou com a piedade de umromeiro que acreditava que às vezes nem Deus livra o homem de enlouquecer. O demônio é artista e poucos escapam dos enganos do Satanás.

Samuel vai em direção de Candeia, depois de Canindé. Quanto mais perto do destino, mais doía o seu estado de miséria. Já avistava algumas casas ao longe, à direita. Olhou o papel no bolso: “*Niceia Rocha Vale, Manoel Vale, rua da Matriz, 52*”. Mas Candeia era quase nada. Não mais que vinte casas mortas, uma igreja velha, um resto

de praça. Nem o ar tinha esperança de ser vento. Era custoso acreditar que morasse alguém naquele cemitério de gigantes. O único sinal de vida vinha de um bar aberto.

Chega faminto, carregando nos bolsos, apenas o pequeno pedaço de papel. No bar ouviu que só come se pagar. Lembrou-se de Mariinha, que gostava de tapioca com café. Essas lembranças de Mariinha eram assim, chegavam o tempo todo, sem palavras, eram fotos da memória, cenas apressadas. Às vezes, com cheiro. Sempre o cheiro da mãe. Samuel aprendeu no Horto, que a única forma de comover naquele pedaço perdido de mundo, era a ameaça de que Deus estava vendo tudo e não tolerava “descaridades”. Por isso, apela pelo amor de Deus: *A senhora tem um pão, pelo amor de Deus? Recebe um pão seco, que roeu com desespero e engasgou-se com o farelo seco. Recebeu água da torneira para desentalar a garganta. Mas não foi assim que imaginou a própria vida e lá estava ele, transfigurado em filho do diabo. Foi no caminho de Juazeiro a Candeia que o diabo apareceu pela primeira vez como seu pai. Antes era pai nenhum. Era a única imagem que Samuel guardava do pai: o retrato da besta-fera. Se pudesse, mataria o pai. A vida que levava nos últimos dias fazia parecer mais possível acreditar no mal.*

Ao anoitecer, Samuel chega na casa de Niceia, sua avó, à procura de seu pai, Manoel. Mas só encontra a indicação de um canto coberto, uma gruta abandonada, no meio do mato, para se abrigar da chuva. Pois, naquele fim de dia, todas as nuvens do céu choraram ao mesmo tempo. Na vida sofrida, lembranças da mãe, Mariinha, traziam saudade. Mulher sofrida, tinha pouca vida nos olhos, pouca carne nos ossos. Mas a sombra do pai era sua infelicidade. Do pai, só rancor e ódio. Da mãe, afeto e o compromisso de realizar seus pedidos: *“Eu quero que você acenda três velas pra minha alma. A primeira no santuário do meu padim Cícero, a segunda na estátua do são Francisco de Canindé. E a terceira é para santo Antônio, o santo de devoção da mãe. Todas três nos pés deles, meu filho, encostadas nos pés, isso é importante pra mim. Mas o meu maior pedido é que você vá pra Candeia procurar sua avó e seu pai”*. Samuel disse que sim aos quatro pedidos de sua amada mãe e logo após o enterro de Mariinha, partiu para um destino incerto.

Ao clarear do novo dia, Samuel percebeu que a gruta onde passou a noite era na verdade, uma cabeça de santo. Do pescoço ao topo era quase do tamanho da casinha onde vivia com Mariinha. Era, uma cabeça de santo, oca, gigantesca, assustadora,

coberta de mato, na cidade desgraçada de Candeia. Um santo degolado era o seu único abrigo no mundo. Subiu a vista para o alto do morro e descobriu, espantado, que o resto do corpo do santo estava lá em cima. Samuel riu do santo degolado. Riu de medo.

A cabeça do santo abandonada, seu único lar, era esconderijo de revistas pornográficas, banheiro e até motel. Mas de dentro da cabeça, do lado direito, dois palmos acima da orelha, Samuel ouvia a voz de uma menina que amava: *Meu santinho, me escute: eu lhe tiro de baixo da cama se o Dr. Adriano casar comigo, juro que tiro na hora e faço um altar bem bonito na minha casa.* Samuel não acreditava em santo e nem em amor. Mas ficava estudando o fenômeno das orações de moças que reverberavam no crânio gigantesco e oco do santo Antônio. Elas abriam o coração para o santo pedindo para arranjar casamento. Depois de muito tempo, da grande desgraça da cidade, um casamento em Candeia, seria o segundo acontecimento mais bombástico da história de Candeia. O primeiro foi no dia em que o engenheiro do Rio de Janeiro disse à população que o crânio gigante jamais seria posto sobre o corpo no alto do morro. Ele estava certo. A cabeça do santo Antônio, permanecera no chão, para sempre, como prova e testemunha do erro irreversível que fez a desgraça do povo de Candeia.

Samuel acreditava que os santos eram todos uma mera invenção dos desesperados e nada do que Mariinha dissera a vida toda, o convenceu do contrário. Santos são pedras e só pedras. Era a lei de Samuel. Mas em Candeia a cabeça do santo era sua casa. Candeia tinha mais casas abandonadas do que habitadas, e muita gente foi embora sem levar parte dos seus pertences, depois da desgraça do santo sem cabeça.

Na deserta Candeia era proibido falar do santo Antônio. Rezar para ele era um crime de traição ao povo sofrido da cidade, aos que morreram ou fugiram por causa da desgraça. Samuel morava na cabeça e escutava os pensamentos do santo. Mas só um doido para morar na cabeça do santo. O santo milagreiro. A notícia de um novo casamento, transformou a cidade. O padre Zacarias olhou para o céu, convicto: *É milagre do santo Antônio! Ele demora, mas não falha.* O primeiro novo milagre do santo Antônio de Candeia, foi por intermédio de Samuel, o mensageiro de recados do Céu. O povo que sobrou em Candeia ainda nutria ódio pelo santo traidor, que não teve forças sequer de evitar que a própria cabeça permanecesse caída no chão, longe do corpo, como um decapitado qualquer.

Cada vez que a história era contada, mais detalhes faziam daquele casamento um feito sobrenatural. Diziam que santo Antônio aparecia de corpo inteiro para Samuel e soprava os recados, que o espírito do santo entrava no seu corpo, agia através dele. As estórias de milagres do santo, começam a gerar lucros. A vida voltou em Candeia: mulheres com sua fé, fazendo novena ao redor da cabeça do santo, acendendo velas, rezando dia e noite e esperando uma oportunidade de falar com o mensageiro. Quase todas guardavam no peito um amor escondido, secreto, por vezes até proibido, mas sempre amor. Todas tinham esse sonho. Já Samuel até pouco antes, o seu maior sonho era viver o máximo de tempo ao lado de Mariinha, rir com os amigos do Juazeiro, namorar as mocinhas do Horto, vender chapéus, cantar benditos. Esse sonho morreu com sua mãe. Samuel continua na cabeça do santo, por causa da voz de uma moça, que canta na cabeça do santo. É a única coisa que lhe faz feliz. Pode ser só uma ilusão. O demônio é cheio de artimanha.

Mulheres que se consultaram com Samuel, o mensageiro do santo, encontraram o amor das suas vidas. A notícia é transformada em poemas de cordel: “*A cabeça do santo*”. Contava toda a história do lugar, até o dia em que fora condenada à morte e mais tarde voltara à vida com a chegada de Samuel, o profeta enviado por santo Antônio para morar dentro da sua cabeça. Para Samuel o que importava era ouvir a Voz que Canta, na cabeça do santo. Cantava no mesmo horário marcado, cinco da manhã e cinco da tarde. Às vezes cantava a mesma canção de manhã e de tarde. Ele captava algumas palavras: “saudade”, “coração”, “despedida”, “mar”, “voltar”, “longe”. As outras palavras pareciam pertencer a uma língua estranha. A música conseguia destrancar algum lugar no peito de Samuel, uma gaveta de sonhos antigos.

Houve um tempo em que Samuel sonhava. Sonhava com o dia em que levaria Mariinha para conhecer o mar e ver se era verdade mesmo essa história de que a água do mar é salgada. Ele gostava quando a Voz falava do mar azul. “*Vida de mar*”. Ele pensava no oceano, nos desejos de antes, nos tempos de criança em que as esperanças eram vivas. A Voz falava de saudade e ele pensava em Mariinha. Mas sem tristeza, porque nem toda saudade é triste.

Ao som da Voz ele conseguia ser feliz. Mas pensar na Voz sem um rosto era insuportável. Samuel teve a certeza de que estava apaixonado, completamente

apaixonado por uma mulher de quem ele só conhecia a voz e poucas palavras que moravam no seu coração. O radialista Aécio, divulgou no seu programa, que Samuel, o mensageiro de santo Antônio, precisava falar com a mulher que cantava todos os dias, às cinco da manhã e cinco da tarde. A Voz surgiu na cabeça, ainda mais forte, cantando no seu idioma incompreensível. Só algumas palavras escapavam, atravessavam a cortina daquela língua estranha e apresentavam-se a Samuel. Naquele dia era “coragem”, “coragem”, ela falava só: coragem. No final, a Voz rezou. Pela primeira vez, a Voz rezou. Foi breve: *“Me dê coragem, santo Antônio. Preciso de coragem e força”*. Lembrou de Mariinha, como se fosse ela a cantar naquela língua estranha. Samuel Chorou. A saudade da mãe tomou conta de Samuel. Mas agora ele estava sozinho em Candeia.

Antes da grande desgraça acontecer, Candeia era viva. A igrejinha, lotada de fiéis, rezava ao padroeiro no seu dia. Pediam a santo Antônio as bênçãos para a cidade. No muro do cemitério, branco e limpo, praticavam-se as simpatias para arrumar marido e descobrir a cara do candidato. Via-se de tudo, porque esperança e desejo realizam o impossível. Na festa do padroeiro, o prefeito anuncia, a construção, no alto do morro, de uma estátua de santo Antônio com vinte metros de altura. Entusiasmado o prefeito diz ao povo devoto do santo: *Vamos fazer de Candeia a terceira terra de santo Antônio. Primeiro vem Lisboa, onde ele nasceu. Depois vem Pádua, onde morreu. E agora Candeia, onde voltou a viver para sempre!* Mas construir uma estátua gigante do santo Antônio era tão impossível que ninguém mais ousava sequer sonhar. Com o anúncio e início da ousada obra que iria desgraçar Candeia, o comércio floresceu. Os novos estabelecimentos surgiam com seus nomes pintados nas fachadas das casas: *“Barbearia Santo Antônio”, “Lanches Santo Antônio”, “Pousada Santo Antônio”, “Restaurante Santo Antônio”*. A promessa de uma cidade nova atraiu forasteiros.

Após construir o corpo do santo, oito homens encarregados de montar a cabeça do santo foram à casa de Meticuloso, um respeitado pedreiro, às sete horas da manhã, ele ainda estava bêbado, para coordenar os trabalhos de montar a cabeça do santo. Montaram a cabeça no chão. A população acompanhou o rosto tomando forma, e uma pequena aglomeração observava a cabeça sagrada. Meticuloso estava tão orgulhoso de seu feito que tomou a liberdade de marcar a cabeça do santo com sua assinatura, a letra

M dentro de um círculo. Mas a cabeça teria que ser montada no alto, já sobre o pescoço da estátua, com a ajuda de uma estrutura de andaimes que estava a caminho. A cabeça, montada no chão, jamais poderia ser levada para o corpo do santo. A única solução seria fazer uma cabeça nova. A festa de inauguração foi cancelada. Meticuloso sumiu. Restou sua assinatura, o M circulado, registrando para sempre, o culpado pela ruína de Candeia.

A história começa a ser desvendada. O passado e presente se cruzam. Samuel faz amizades e inimigos. Precisava se esconder, se proteger, estava sendo ameaçado: deveria ir embora. Uma ordem a ser cumprida, com dia e hora marcada. Na casa do amigo, Chico Coveiro, Samuel observava do sofá e tinha o coração dividido entre a gratidão pela acolhida e a profunda tristeza de não fazer parte daquela vida, por não ter família. A sua solidão era para sempre. Uma ferida incurável. Antes de partir, Samuel se esconde no cemitério, o lugar calmo e seguro.

Na casa do cemitério, no lugar dos mortos, Samuel conta ao amigo Chico Coveiro, o motivo de sua ida a Candeia e como foi parar na cabeça do santo e conclui: *Achei a cabeça e começou a confusão*. O papel, contendo o endereço da avó nunca saiu do seu bolso, mas agora era bem guardado numa carteira de couro. Ele mostrou a Chico: *Quando minha mãe morreu, eu só tinha isso, esse endereço em Candeia*. Chico pediu que ele dissesse o nome do seu pai e da avó, ele não sabia ler. Samuel leu, pausadamente: *Niceia Rocha Vale, Manoel Vale*. Chico Coveiro olhou para Gerusa, sua esposa, com olhos de tragédia: *Samuel é filho de Manoel Vale, o Meticuloso*.

No cemitério, longe da agitação envolvendo a cabeça do santo, Samuel descobre as voltas que a vida dá. A Voz que canta, era da jovem Rosario, filha de Fernando e Maria, fruto de um relacionamento em Cabo Verde, África. Rosário, a dona da Voz que encanta o coração de Samuel, era irmã de Madeinusa, filha de Fernando e Helenice, sua esposa em Candeia. As duas filhas tinham o mesmo sorriso, olhar e olhos do pai. Só mudava a cor da pele, no resto eram iguaizinhas. Ao descobrir da traição de Fernando, movida por ciúme e ódio, Helenice mata Fernando e afasta Rosário de sua irmã. Duas histórias que se cruzam, nas voltas que a vida dá. Paixão e ódio se cruzam. Mas no final, o amor há de vencer.

Contudo, até chegar o fim, a vida reserva seus segredos, histórias, sonhos e tristezas. Voltaram a puxar o fio da desgraça. Segundo Chico Coveiro, a cabeça fez a

desgraça do pai, Meticuloso, e agora estava fazendo a desgraça do filho, o mensageiro do santo. Pai e filho, separados pela vida e unidos pela mesma história: a cabeça do santo. A desgraça parece ser seu destino. Mas o destino se constrói. A vida e a morte se cruzam todos os dias. Samuel sentia que morrera um pouco naquela conversa dentro da casa do cemitério. Morreu. Nasceu dele um homem novo, definitivamente solitário, marcado por uma tragédia do passado da qual ele não tinha a menor culpa. Era hora de ir embora. A cabeça era sua desgraça, mas mesmo assim quis passar a última noite lá, para ouvir a voz que canta na cabeça do santo. Tanta desgraça marcava a história do povo de Candeia. Um lugar destinado a desgraça. A cabeça do santo seria explodida às cinco horas da tarde, em poucos dias. Osório, ex-prefeito da cidade, esperava, havia anos, pelo fim do último morador de Candeia, para que, por meios ilegais, passar a terra para seu nome e depois, vendê-la para uma empresa que construiria uma fábrica. Mas o dom de Samuel fez renascer a cidade que, quando morta, faria a fortuna do ex-prefeito. A ideia da fábrica agradava Helenice. Assim, seu passado ficaria enterrado sob o chão de uma fábrica para sempre.

Samuel lembrava, nunca esqueceria as últimas palavras da mãe: *Acender as velas, para padre Cícero, santo Antônio e são Francisco*. Mas os últimos acontecimentos, fez aumentar a raiva de Samuel pelos santos: Eles só servem para dar dinheiro a quem engana os devotos. Mas tinha que realizar os pedidos de Mariinha: únicas leis que regiam a vida de Samuel. Então subiu no morro com Chico e Gerusa, para acender a vela do santo Antônio. Quanto mais chegavam perto do corpo do degolado, mais bizarro aquilo tudo parecia. Samuel lembrou-se de que a vela precisava ser acesa nos pés do santo. Então diz aos pés do santo: *"Eu não sei rezar, seu santo. Só sei que minha vida hoje é uma desgraça e a culpa é sua. Eu não tenho fé nenhuma, degolado. Isso de ter fé é o que desgraça gente pobre como eu. Não tem santo, não existe milagre. Desgraçou o povo de Candeia. Eu odeio essa mentira do santo Antônio!* Até que uma voz que saía dos pés do santo dizia: *Nunca quis fazer mal nem a você, nem a sua mãe, nem a ninguém de Candeia*. Os pés do santo falavam. Mas só os loucos conversam com os santos. Mas a voz dizia: *Eu preciso ouvir o seu perdão*.

Samuel quase chorou. Lembrou-se de que só foi feliz enquanto viveu ao lado da mãe. E respondeu: *Um santo que fala pelos pés não merece uma estátua*. O mato ao

lado do pé do santo moveu-se de repente, surgiu de um buraco no corpo da estátua, era seu pai, Manoel, o Meticuloso. O responsável pela maldição de Candeia. Então sumiu, ficou vinte e cinco anos trancado no corpo oco do santo, sem ninguém saber. Que desgraça. Anos de lua e solidão, no corpo oco do santo, marcavam a vida do pai de Samuel. Aquele corpo oco era belo e assustador, muito mais, que a cabeça do santo. O corpo do santo era a casa de Manoel. O filho morava na cabeça e o pai no corpo do santo. O que Samuel dizia na cabeça o pai ouvia no corpo. Para Samuel, o ciclo estava completo: encontrara o seu pai. Não que Samuel, tivera se tornado um homem de fé, mas não poderia mais negar que santo Antônio tem suas artes.

Descem do morro carregando o pai nos braços em direção da casa da avó Niceia. Agora Samuel podia seguir seu destino. A despedida de Samuel a seu pai, foi apenas um olhar. Observou o corpo fraco, o homem que viveu dentro de um corpo oco do santo, enquanto ele crescia e Mariinha morria. Seu corpo guardava sinais de picadas de cobra, desnutrição, doenças de pele e um possível comprometimento do pulmão. Sinais da vida. Sinais de uma vida sofrida. Diante de tantos sofrimentos Samuel diz a Chico: *eu não nasci para final feliz. Mas o final, é só quando eu baixar teu caixão na cova*, responde Chico. Foi a morte que me ensinou, que *o tempo de sonhar é em cima da terra*, afirma Chico Coveiro.

Prestes a deixar a casa da avó, lugar em que Samuel tinha iniciado sua busca pelo pai, movido pelo ódio e desejo de morte. Samuel se depara com um corpo mumificado de uma mulher idosa, com o vestido que Niceia usava todas as vezes que encontrou com ele. Era uma morte de muitos anos. As mãos, entrelaçadas, seguravam um rosário da Mãe de Deus que hipnotizou Samuel: no meio das contas azuis, viu a conta verde do rosário de Mariinha. Diante da múmia da avó, chorou a desgraça de um destino torto. É certo que a vida não lhe deu tantas chances de sonhar, mas ele teimava. Queria deixar Juazeiro e seguir em direção ao mar. Mas precisava antes passar em Canindé, para pagar a última promessa que fez a sua mãe: *acender uma vela no pé de são Francisco*.

Nos pés de são Francisco, Samuel cumpriu a última promessa feita a Mariinha. Agora podia seguir seu sonho: *conhecer o mar*. Até que enfim, quem sabe, um final feliz. *Mas o que é a felicidade?* Pode ser apenas um instante, mas que se prolonga no

tempo, alimenta os sonhos, renova a esperança, reconta a história de uma vida marcada pela dor, fome, violência, injustiça e tantos sofrimentos, mas que vale a pena ser vivida. A felicidade pode estar em meio as desgraças da vida. A felicidade de Samuel estava na Voz que cantava na cabeça do santo, ecoada nos seus ouvidos e fazia morada no seu coração. Essa era a Voz gerava felicidade em Samuel. Assim é o amor. Samuel ouviu mais uma vez a Voz que canta, agora não mais na cabeça do santo, mas numa pequena casinha, nos fundos, da casa de Francisco José, o homem que mudou o destino de Rosário. A vida que vence a morte. O destino aproximou Samuel da Voz que canta. Agora a Voz tem carne, rosto, olhos e boca. Samuel se aproxima para ouvir a canção. Rosário adivinhou sua presença e saiu da casa, tímida. Sentou-se num banco torto de madeira do lado de fora do quartinho. Samuel sentou-se ao seu lado e esperou que terminasse de cantar para dizer a primeira palavra: *Obrigado*. Entre troca de olhares e um breve diálogo, a história que iniciou na cabeça do santo, se torna realidade. É o sonho que se concretiza. É o milagre que acontece. Samuel, uma vida sofrida, homem sem fé, descrente de santo, descobre em Rosário, a Voz que canta e encanta, o milagre de sua vida. O amor que vence o ódio. Uma história que encanta.

A obra literária de Socorro Acioli, com criatividade e uma riqueza de detalhes, ativa a memória histórica do leitor e o conduz para uma viagem no imaginário popular de um povo que enfrenta os sofrimentos com esperança e fé. Uma leitura agradável, que conduz o leitor no imaginário popular, reconstruindo o texto, com criatividade e toques poéticos. Um texto polissêmico que possibilita várias interpretações. Reconstruindo a história eu chamaria de “*A VOZ que canta e encanta: sonhos que se tornam realidade*”. Recomendo vivamente a leitura do instigante romance “*A cabeça do santo*”, e visitar a riqueza cultural de um povo, marcada pela religiosidade popular. Um povo que constrói e constrói sua história. Boa viagem aos sertões nordestinos.